

Índio desmata a reserva apenas para matar a fome

Danilo Salvadeo

Porto Seguro — A operação realizada no início do ano pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na região do extremo sul da Bahia, com a intenção de conter o desmatamento ilegal, não está impedindo a devastação gradativa dos 14.800 hectares de Mata Atlântica que formam o Parque Nacional de Monte Pascoal, no município de Porto Seguro. Mesmo tendo feito um acordo com os índios pataxós radicados em Boca da Mata, no interior do parque, eles continuam com a prática de promover queimadas para abertura de áreas para cultivo da mandioca, retirando antes as madeiras nobres e vendendo a preços irrisórios — para donos de serrarias de Itabela e Itamaraju, municípios vizinhos da reserva.

Os índios explicaram que vendem a madeira do parque para não morrer de fome, e criticam a omissão da Funai, que deixa a tribo passar fome e necessidades. Eles entendem que a madeira é deuses e não podem ficar só comendo farinha de mandioca — esclareceu o chefe Kayman — afirmando que "índio vende madeira para homem branco para não passar fome e por causa do abandono da Funai".

Atravessadores

O lenhador e carreteiro Natalino Rodrigues de Souza, 49 anos, o Natal — morador no distrito de Monte Pascoal, em Itabela — disse que a reserva indígena de Boca da Mata é o principal ponto de venda clandestina de madeira na região. Os índios pataxós vendem o metro linear da macaíba por NCz\$ 300. Este tipo de madeira está cotado no mercado a NCz\$ 10 mil o metro cúbico, e segundo Natal, o maior atravessador do produto é Evelino Favazine — o Branco — capixaba radicado em Itabela — a 40 quilômetros do parque — que repassa a madeira adquirida a preço de "banana" dos índios aos demais donos de serrarias do município.

Natal acusa Branco de ter retirado, nos últimos dois meses, mais de dois mil metros cúbicos de macaíba e 500 de jacarandá, contando com a conivência dos agentes do Ibama que costumam receber propina de NCz\$ 2 a NCz\$ 3 mil para a liberação de qualquer cantinhão com ma-



Foto de Danilo Salvadeo

As queimadas e o desmatamento já destruíram 14.800 hectares de Mata Atlântica no Parque Nacional de Monte Pascoal, na Bahia

deira trafegando dentro do Parque Nacional.

Natalino Rodrigues foi localizado pela reportagem através da lista de carreteiros autuados pelo Ibama e divulgada no início do mês. Ele está recolhido na vila de Caraíva — litoral de Porto Seguro, a poucos quilômetros do parque — onde sobrevive da exploração de um pequeno restaurante e uma pousada. Ele resolveu abrir o bico por se sentir traído por colegas e agentes do Ibama. Revoltado, o lenhador acusa dos "tubarões" da madeira (grandes latifundiários e prósperos donos de serrarias no sul da Bahia) pela depredação do parque e enriquecimento ilícito às custas do trabalho dos carreteiros de Monte Pascoal e exploração da ignorância dos índios.

Segundo ele, a desertificação da área é acentuada em Boca da Mata — onde operou por vá-

rios anos — e os madeireiros e pataxós já desmataram e queimaram cerca de 18 quilômetros de florestas. Nos últimos dois anos, ele tem conhecimento da apreensão de apenas dois caminhões transportando madeira, pela fiscalização do Ibama (uma média de nove caminhões fazem o frete de madeira, diariamente), e sugere a derrubada de uma ponte sobre o rio Caraíva, no interior do parque, para evitar a saída da madeira da aldeia dos pataxós.

O protecionismo do Ibama a determinados empresários do setor madeireiro é o principal motivo para a devastação da área, esclareceu Natal. Ele cita o nome do capixaba Pedro Scopel — oriundo de Aracruz e dono da maior serraria de Itabela — como um dos beneficiados pe-

lo órgão, graças à amizade mantida com alguns figurões do Ibama de Eunápolis.

Hostilidade

A posse do prefeito de Porto Seguro, Ubaldino Pinto, contribuiu para acentuar a devastação do parque — acusa Natal — por interferir na administração e contribuir para a transferência do administrador Milton Barros, que desempenhava um bom trabalho, impedindo as queimadas, caçadas e derrubada de árvores próximo à Boca da Mata. O prefeito se defende alegando não interferir nos assuntos do Ibama, pretendendo desenvolver apenas o aumento do fluxo de turistas ao Parque Nacional de Monte Pascoal.

Quem visitar a aldeia pataxó de Boca da Ma-

ta, nota imediatamente o jeito hostil com que passa a ser encarado pelos índios. Os pataxós temem que o Ibama reverta a posição de destinar uma área de cinco alqueires a ser desmatada para a produção de carvão e cultivo de cereais e leguminosas.

Ao contrário de seus irmãos da reserva de Barra Velha, no litoral, os índios de Boca da Mata possuem vários hectares cultivados para o sustento da tribo. Os ecologistas, no entanto, acham um precedente perigoso a concessão para desmate, acreditando que o limite permitido dificilmente será obedecido, havendo maior desertificação da área.

Em dois dias, seis caminhões deixaram Boca da Mata carregados de madeiras nobres, adquiridas dos índios. Três deles (placas GM-5678 — Prado-BA; XK-7654 e XK-4788 — ambos de Porto Seguro) foram necessários para o transporte de três seções de uma tora de braúna, medindo aproximadamente 20 metro de comprimento e quase seis de diâmetro.

Carvão

O extrativismo de carvão vegetal nas imediações do Parque Nacional de Monte Pascoal é a atividade mais rentável para os pequenos e médios produtores rurais. Ignorantes aos danos causados ao ecossistema da região, eles promovem queimadas indiscriminadas. Na estrada entre a BR-101 Norte e a Vila de Caraíva — fora do parque — existem aproximadamente 900 fornos queimando madeira para a produção do carvão, que é transportado, diariamente, por mais de 40 caminhões, que levam o produto para João Neiva, no Espírito Santo, de onde segue de trem para a siderúrgica mineiras. Estes veículos percorrem 50 quilômetros de estrada de chão, até atingir o quilômetro 753 da BR-101, a seis quilômetros da cidade de Itabela.

Nesta área, mais de 15 alqueires estão desmatados. Segundo os carvoeiros, a maioria dos fornos pertence a um latifundiário de Salvador, identificado apenas pelo sobrenome Belizário. Em Boca da Mata a devastação atinge 30 alqueires. As vias de escoamento mais utilizadas pelos contrabandistas de madeira são o próprio acesso asfaltado de 14 quilômetros ao interior do parque, saindo da BR-101 na altura do Km 796, e a rota da madeira — mais usada — com 30 quilômetros de estrada vicinal com saída na BR-101, próximo ao distrito de Montinho, em Itabela.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

A. Paquet

Class:

75

Data:

18/03/90

Pg.: